

"Sabe-se que, na sua obra, Proust não descreveu uma vida tal como ela ocorreu, mas uma vida tal como aquele que a viveu a rememora. E esta fórmula permanece aproximada e demasiado grosseira. Porque aquilo que desempenha aqui o papel essencial, para o autor que se lembra das suas recordações, nada tem a ver com o que viveu, mas com o tecido das suas recordações, o trabalho de Penélope da rememoração." (Walter Benjamin, "A Imagem de Proust")

No modo como a escrita se enleia com a morte e enquanto resistência e luta contra o esquecimento, invoque-se o poder da rememoração, desde os primórdios da nossa tradição ocidental, em que a poesia se celebra enquanto tal. Não apenas me ocorre o poeta Virgílio nessa magistral obra moderna que é A Morte de Virgílio, de Hermann Broch, como também a Ilíada e a Odisseia de Homero, cuja epopeia consiste justamente na rememoração das façanhas dos heróis gregos. Tanto o ritual funerário quanto o canto poético constituem modos de rememoração e de inscrição da mortalidade numa imortalidade colectiva, que é o solo da nossa tradição. Na forma como o mito se inscreve na literatura e nas artes lemos, sobretudo, o esforço de arrancar o facto perecível ao esquecimento e preservá-lo na esfera da imortalidade, ou seja, como um acto de rememoração, cuja actualização se cumpre de forma ritualizada.

MJC